

A Industrialização de São Paulo: 1930-1945 *

Wilson Suzigan

1. Introdução. 2. A Indústria Paulista antes de 1930. 3. A Depressão Econômica de 1929-33 e seus Efeitos sobre a Indústria Paulista. 4. O Surto Industrial de 1933-39. A Situação da Indústria em 1939. 6. A Indústria Paulista no Período de Guerra, 1939-45. 7. Considerações Finais.

Dois fatores foram decisivos para que São Paulo pudesse se projetar, a partir dos anos vinte e principalmente após a depressão econômica de 1929-33, como a maior concentração industrial do País: em primeiro lugar, o afluxo de imigrantes europeus, que demandou àquele estado, em boa parte fruto de uma hábil política de imigração e colonização,¹ o qual iria propiciar o aparecimento de uma variada classe empresarial,² além de um número elevado, relativamente ao resto do País, de operários qualifi-

* O presente trabalho é parte da pesquisa sobre História Econômica Quantitativa do Brasil, em andamento no Instituto Brasileiro de Economia, Fundação Getúlio Vargas, sob a coordenação do professor Annibal Villela, a quem o autor deseja agradecer a permissão para divulgação, assim como pela leitura crítica e sugestões apresentadas.

¹ Os dados do Serviço de Imigração e Colonização demonstram que, no período que decorre entre 1885 e 1939, entraram no estado de São Paulo 2.264.214 imigrantes, tendo a maior parte deles (65%) entrado no período entre 1885 e 1914. O fluxo imigratório, interrompido então pela guerra, só retomaria impulso na década de 1920 a 1930. Constituíam-se, em sua maior parte, de imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, surgindo depois os japoneses, principalmente entre 1925 e 1939. (Anuário estatístico do Brasil, 1939-40. p. 1307-8).

² Em 1933, no estado de São Paulo, 45% do número de fábricas pertenciam a estrangeiros, as quais possuíam 27,4% do capital aplicado, empregavam 25,3% do operariado e produziam 28,4% do total do valor da produção (DIRETORIA DE ESTATÍSTICA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SÃO PAULO. (DEIC/SAIC/SP) *Estatística*

cados que viriam ocupar as mais importantes posições no sistema produtivo da indústria; ³ em segundo lugar, o rápido crescimento do potencial energético, principalmente de origem hidráulica, assim como da rede de distribuição dessa energia ⁴ pelo interior do estado.

Esses dois fatores, juntamente com a abundância de matérias-primas de produção local, vieram criar as economias externas necessárias ao surto de industrialização, que a partir dos anos trinta, projetariam definitivamente o estado paulista como o mais importante centro industrial do País.

Junte-se a isso as facilidades de transportes encontradas pela indústria e que lhe foram legadas pela economia cafeeira; um mercado local razoavelmente desenvolvido como resultado do adensamento populacional propiciado tanto pela imigração estrangeira como pelas migrações internas; finalmente, a disponibilidade de capitais que buscavam aplicação na indústria, ⁵ e se terá caracterizado as condições suficientes para o início de um processo de industrialização que se prolongou até nossos dias.

A análise que se segue procura estudar o desenvolvimento industrial de São Paulo, levando em conta esses aspectos fundamentais; sua divisão em períodos distintos obedece a critérios óbvios, segundo os acontecimentos nacionais e internacionais interferiram no ritmo da vida econômica do País.

Industrial do Estado de São Paulo 1933, p. 25). Já em março de 1940 — novembro/41, na indústria paulista, 34,6% dos sócios eram de origem estrangeira, os quais eram responsáveis por 48,8% do capital realizado (idem, 1938 e 1939, p. 374-5).

³ Em 1934, observava Roberto Simonsen: "no exercício da engenharia, verifiquei, e com pesar, no engajamento do operariado, que os lugares mais eficientes, e de melhor remuneração, isto é, os dos artesãos, são ocupados em sua maioria por operários estrangeiros, incumbindo-se os nacionais das tarefas mais pesadas e mais ingratas, pelo desconhecimento dos ofícios especializados, isso quanto ao preparo". Ensino Técnico em São Paulo. *Observador Econômico e Financeiro*. 94-95. jan. 1944.

A Organização do Serviço Nacional do Aprendizado Industrial, SENAI, por inspiração de São Paulo, veio contribuir substancialmente, a partir dos anos quarenta, para o desenvolvimento da mão-de-obra qualificada.

⁴ O crescimento do potencial energético do estado fez duplicar entre 1930 e 1945, a potência instalada de energia elétrica de origem hidráulica, tendo crescido 62,5% em apenas três anos (entre 1935 e 1938), sendo que em 1940 a potência instalada de energia elétrica de origem hidráulica no estado representava 55,4% do total do País. Além disso, uma ampla rede de distribuição abrangia, já em 1935, 434 municípios do interior do estado. É forçoso lembrar que, nesse setor, foi importante a participação de capitais estrangeiros, sendo as duas principais concessionárias, São Paulo Light and Power Co., Ltd., e Empresas Elétricas Brasileiras, constituídas por capitais canadenses e americanos responsáveis pela quase totalidade da energia produzida.

⁵ Entre 1932 e 1937, o capital aplicado nas principais indústrias paulistas cresceu 118%, enquanto o número de operários empregados aumentou 63% no mesmo período (DIRETORIA DE ESTATÍSTICA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Estatística industrial do estado de São Paulo*. 1932 e 1937).

2. A Indústria Paulista Antes de 1930

Data dos primeiros anos da República os primeiros empreendimentos industriais no estado de São Paulo, cujo desenvolvimento só se fortaleceria após a adoção da tarifa alfandegária promulgada pelo Decreto n.º 3.617, de 19 de março de 1900. De caráter acentuadamente protecionista, conquanto seus objetivos fôsem puramente fiscais, favoreceu o crescimento da produção local de diversos artigos industriais, em especial tecidos e artigos de vestuário.

O primeiro censo industrial, levado a efeito em 1907, apresenta o estado de São Paulo já como o segundo mais importante centro industrial do País, só suplantado pelo Distrito Federal. Possuía então 314 estabelecimentos industriais e 22.355 operários ocupados. Seu caráter ainda incipiente, como de resto ocorria com a indústria do País como um todo, no entanto, pode ser comprovado pela dependência, em relação ao exterior, quanto às matérias-primas (fios de algodão, juta e sêda; lã em bruto e em fios, palha para chapéus, etc.) e máquinas e equipamentos de um modo geral, que tinham que ser importados. Isso no entanto, não se constituía em obstáculo face às excelentes condições de que gozava o comércio do País com o exterior, mormente sendo São Paulo, como se sabe, o grande produtor de café, principal produto de exportação.

A produção expandiu-se rapidamente, como atestam os dados do Quadro 1; a produção de tecidos de algodão, então a mais importante atividade industrial do estado, como em todo o País, teve sua produção quadrupli-

QUADRO 1
Estado de São Paulo
Principais produtos da indústria de transformação, 1900-1928

	1900	1905	1910	1915	1920	1925	1926	1927	1928
1. Tecidos									
a. de algodão (1 000m).....	33 540	26.646	75.834	121.590	186.520	206 148	238.933	203.889	191.139
b. juta (1 000m)	19.088	33.463	26.367	86.161	97.852	81.573	84.613
c. lã (1 000m)	218	617	1.573	3.506	3.083	4.212	4.330
d. sêda (kg)	—	—	—	5.185	34 586	40 110	49.104	103.051	232.030
e. fitas de sêda (kg)	—	—	—	18.899	22.503	48.648	48.108	53.109	72.018
2. Artigos de vestuário									
a. chapéus (1 000 un. d.)	1.060	1.400	3.588	2.654	2.342	3 983	4 247	4.303	4.993
b. calçados (1 000 p.)	1.600	1.980	3.608	4.865	6.765	10.036	10.948	11.204	12.580
3. Bebidas									
a. cerveja (1 000 l.)	20.959	27.959	28.518	50.007	50.670	54.353	62.207

Fonte: Censo Industrial do Brasil, 1920 (dados primários) Rio de Janeiro Diretoria Geral de Estatística

cada entre 1900 e 1915 enquanto outros produtos tinham também sua produção aumentada, porém em menor escala, como é o caso da produção de calçados, chapéus, e outros tecidos.

A partir de 1914-15, no entanto, fatores diversos viriam concorrer para uma maior aceleração no processo de industrialização do estado. Primeiramente, as sucessivas revisões das tarifas alfandegárias (principal fonte de receita do Governo federal) emprestando-lhe caráter marcadamente protecionista, seguidas das dificuldades experimentadas pelas indústrias dos países envolvidos na primeira conflagração mundial e das naturais restrições impostas pela situação de guerra ao comércio mundial, fizeram com que a indústria de São Paulo tivesse novo impulso expansionista, principalmente a indústria de tecidos de algodão, menos dependente das importações, assim como a indústria de calçados.

O Censo Industrial de 1920 viria dessa maneira, encontrar o estado de São Paulo como o principal centro industrial do País, com 4.145 estabelecimentos industriais, ⁷ sendo, portanto, 3.831 criados entre 1907 e 1920, 83.998 operários (quase três vezes o número de empregados em 1907), e gerando 35,2% do total do valor adicionado pela indústria do País.

A quase totalidade da produção se resumia nas indústrias tradicionais, sendo que somente as indústrias têxteis e de vestuário e calçados concorreram com 42,9% do valor adicionado pela indústria de transformação do estado, percentagem essa que passa para 68,3% se somarmos a participação das indústrias de alimentos, bebidas e produtos de fumo. Cumpre salientar

Participação do valor adicionado de São Paulo no total do Brasil,
segundo gêneros da indústria de transformação — 1919

	%
1 Transformação de Minerais não metálicos	54,5
2 Metalúrgica, mecânica e material elétrico	48,8
3 Material de transporte	46,0
4 Madeira	17,0
5 Mobiliário	26,6
6 Couros e peles	32,2
7 Química, farmac., perf., papel, papelão e borracha	55,2
8 Têxtil	39,2
9 Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	40,9
10 Produtos alimentares, bebidas e fumo	28,2
11 Editorial e gráfica	50,8

* e ⁷ Exclusive as indústrias rurais e usinas açucareiras (DIRETORIA-GERAL DE ESTATÍSTICA, *Censo industrial de 1920*, p. 6).

ainda que em alguns gêneros de indústria a concentração em São Paulo era significativamente mais elevada que a média da indústria:

Nota-se, portanto, que algumas das indústrias mais importantes do País tinham uma grande parte do seu valor adicionado total gerado pelo estado paulista, como é o caso das indústrias têxtil e de vestuário; por outro lado, verifica-se que as indústrias chamadas tradicionais eram então menos concentradas no estado ⁸ que a média da indústria, ao contrário das denominadas indústrias básicas ou dinâmicas.

É essa uma característica importante da concentração industrial no estado de São Paulo nos primórdios da industrialização, que certamente influiu poderosamente sobre o crescimento subsequente da indústria local, dadas as economias externas oferecidas pela produção de máquinas e equipamentos (indústria mecânica) e matérias-primas básicas (indústria metalúrgica, minerais não-metálicos — cimento principalmente, material elétrico e de comunicações e produtos químicos).

O surto de industrialização no estado prosseguiu com o gradual aumento da produção até 1923, após o que teria seu ritmo freado por acontecimentos alheios ao fenômeno, como foi o caso do movimento revolucionário de 1924 e a crise de energia elétrica que durou até 1926. ⁹ Dêsse modo, nesse ano, a produção de tecidos de algodão (quadro 1) era apenas 28% mais elevada que os níveis de 1920, a produção de tecidos de sêda 42% maior, enquanto outros tecidos (juta e lã), de menor ponderação no total da produção industrial, tiveram índices de aumento da produção mais elevados no mesmo período, o que se deu também com relação à produção de chapéus (mais 81%), calçados (mais 62%) e cerveja (mais 77%).

A partir de 1926, especialmente em 1927-28, um novo problema viria postergar a retomada do crescimento da produção industrial do estado a taxas elevadas, qual seja, a concorrência estrangeira no mercado nacional de tecidos, atingindo a principal indústria local.

Os tecidos estrangeiros de qualidade superior, especialmente os britânicos, eram colocados no mercado nacional a um preço mais baixo que

⁸ Utilizou-se aqui um indicador reconhecidamente precário da concentração industrial no estado de São Paulo em 1920; deve-se salientar, no entanto, que os métodos de quantificação desenvolvidos por Isard em *Methods of regional analysis: an introduction to regional science*, não puderam ser aplicados em virtude da precariedade dos dados estatísticos.

⁹ DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA, SECRETARIA DA AGRICULTURA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Estatística industrial do estado de São Paulo*. 1930. Nota prévia sobre a indústria paulista.

os tecidos grosseiros de produção interna. Isso era em parte facilitado pela visível deterioração, face ao aumento no nível de preços internos da tarifa nominal específica decretada em 1900, como também pela preferência do consumidor nacional pelos tecidos finos estrangeiros.

Em conseqüência disso, a produção de tecidos de algodão no estado declinou 20% entre 1926 e 1928, afetando também a indústria de tecidos de juta (menos 13,5%) e a de lã, que permaneceu praticamente estagnada. Somente a produção de tecidos de sêda, que então tomava impulso, não foi atingida pela crise, tendo sua produção aumentado cêrca de quatro vêzes entre aquêles dois anos.

Ao que parece, a crise na indústria têxtil propagou-se a outros gêneros de indústria, que com ela são interrelacionadas. Assim é que a produção de chapéus diminuiu bastante seu ritmo de crescimento, tendo, por outro lado, a produção de calçados aumentado 15% entre 1926 e 1928, a uma taxa bem menor, portanto, que aquela verificada entre 1920 e 1926.

A crise na indústria têxtil suscitou, em 1928, reclamos dos industriais no sentido de serem revisadas as tarifas aduaneiras que incidiam sôbre os tecidos, assim como pedindo a proibição de importação de máquinas têxteis, alegando uma superprodução naquela indústria,¹⁰ quando na realidade o que ocorria era um acúmulo de estoques por retração na demanda pelo produto nacional. Tanto uma como outra medida seriam tomadas pelo Govêrno, a primeira logo em 1929,¹¹ e a segunda pelo Decreto número 19.739, de 7 de março de 1931.

Contudo, a crise da principal indústria do estado, assim como outras a ela diretamente ligadas, como vestuário e calçados não se abrandaria senão a partir de 1933, uma vez que um nôvo fenômeno se interpunha em seu caminho: a depressão mundial de 1929-33, que afetou tôda a economia nacional.

3. A Depressão Econômica de 1929-33 e seus Efeitos sôbre a Indústria Paulista

A indústria de São Paulo ressentiu-se visivelmente das condições econômicas anormais resultantes da depressão mundial verificada a partir de fins de 1929. Tanto o número de fábricas diminuiu (menos 22,2% em 1930,

¹⁰ Ver a respeito: D'ACOSTINHO, C. Nova crise de tecidos? *OEF*, 24-5, fev. 37; FERREIRA LIMA, Heitor. A indústria têxtil no Brasil. *OEF*, 59-67, mar. 46. A indústria de fiação do algodão (artigo). *OEF*, 133, fev. 37. As indústrias de tecelagem, sêda, juta e lã (artigo). *OEF*, 142 e seg. fev. 37. Superprodução industrial? (artigo). *OEF*, 91 e seg. mar. 37.

¹¹ Pelo Decreto n.º 4.650 de 9-01-29 foram alteradas as tarifas alfandegárias de tecidos e fios.

relativamente a 1928), como o número de operários (menos 20% no mesmo período). A produção real da indústria de transformação caiu 12% entre aqueles dois anos (quadro 3), ao passo que a produção em termos nominais decresceu cerca de 16% (quadro 4), o que indica, portanto, ter havido queda no nível absoluto dos preços dos produtos industrializados.

QUADRO 3

Estado de São Paulo

Indústria de Transformação — Índices do Volume Físico
da Produção segundo gêneros da Indústria — 1928-32
Base: 1935 = 100

	1928	1929	1930	1931	1932	% 1932/28
Indústria de transformação	67,6	65,6	59,5	64,8	64,2	— 5,0
Minerais não metálicos	57,9	59,0	45,6	76,9	61,0	+ 5,4
Metalúrgica	69,9	71,4	53,1	42,1	50,0	— 28,5
Mecânica	—
Material elétrico	19,5	—
Material de transporte	20,6	...	24,9	—
Madeira	88,3	...	73,8	—
Mobiliário	125,4	98,0	80,1	86,7	104,8	— 16,4
Papel e papelão	13,1	16,1	59,8	39,1	42,9	+ 227,5
Borracha	—
Couros e peles	50,6	46,1	58,5	73,6	90,1	+ 78,1
Química, farm. e perfumaria	94,5	93,7	86,1	72,0	67,4	— 28,7
Têxtil	70,5	56,7	50,2	62,7	67,6	— 4,1
Vestuário e calçados	77,4	78,2	57,9	67,2	57,0	— 26,4
Produtos alimentares	34,9	49,2	66,2	69,2	80,8	+ 131,5
Bebidas	99,0	105,2	69,0	49,0	45,0	— 54,5
Fumo	68,2	77,7	71,4	81,9	74,7	+ 9,5

QUADRO 4

Estado de São Paulo
Indústria de Transformação *

Aspectos Gerais da Indústria — 1928-32

	1928	1930	1932
0. Número de fábricas	6.923	5.388	6.070
2. Capital Aplicado (contos de réis)	1.101.824	1.477.490	1.589.750
3. Operários	148.376	119.296	150.808
4. Fôrça motriz instalada (H. P.)	171.076	189.499	192.159
5. Valor da Produção (contos de réis)	2.216.732	1.854.295	1.944.988

Fonte: DEIC, SAIC/SP. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-29, 1930 e 1932.*

* Exclusivo as Indústrias rurais (produção de açúcar, carne e derivados, farinhas e féculas, beneficiamento de café e algodão), e inclusive a produção e distribuição de energia.

Os gêneros da indústria que mais foram afetados pela depressão foram os da têxtil (que teve sua produção diminuída em quase 30% em apenas dois anos), vestuário e calçados, química e farmacêutica, metalúrgica, bebidas, mobiliário e minerais não-metálicos, em ordem de importância. Enquanto isso, alguns gêneros da indústria pareciam não ter sentido os efeitos depressivos da crise econômica, tendo, ao contrário, aumentado sua produção no período 1928-32. Tal foi o caso das indústrias de produtos alimentares (devido principalmente ao rápido aumento na produção estadual de açúcar, que coincidiu com a fase de recuperação nas exportações brasileiras daquele produto, após seu quase desaparecimento da pauta de exportação em 1924-25); papel e papelão cuja produção tomava impulso no estado, beneficiando-se as indústrias existentes por uma situação de quase oligopólio criada pela proibição de importação de novas máquinas,¹² e as indústrias de couros e peles e produtos de fumo.

O importante a notar, contudo, é que os principais gêneros da indústria de transformação, em especial os das indústrias têxtil e de vestuário e calçados, que ocupavam conjuntamente 56% do número de operários e geravam quase a metade do valor adicionado pela indústria em 1928, continuaram em crise, apesar das medidas tomadas pelo Governo.

Com efeito, apesar da drástica redução nas importações de tecidos em 1929-30, como fruto, em parte, da já aludida revisão das tarifas alfandegárias, e também pela retração do comércio mundial, resultante da depressão, a indústria têxtil de São Paulo teve sua produção diminuída aos níveis de 15 anos antes (1915-16), tendo-se reduzido 43,4% em relação ao pico registrado no ano de 1926; o número de horas diárias de trabalho, inicialmente, foi reduzido, cortando-se depois, de seis para três dias, a semana de trabalho, e finalmente, reduziu-se o número de teares em operação.¹³

Sòmente a partir de 1931 a indústria paulista experimentaria uma inversão de tendências em sua produção. Para isso concorreram dois fatos importantes: em primeiro lugar, as dificuldades impostas às importações, colocando o produto da indústria nacional em condições de satisfazer a demanda interna; em segundo lugar, a situação privilegiada de que passaram a gozar alguns setores da indústria, principalmente a têxtil, pela

¹² Ver Superprodução industrial? *Op. cit.*, p. 97.

¹³ STEIN, Stanley J. *The Brazilian cotton manufacture textile enterprise in an underdevelopment area, 1850-1950*. Harvard University Press, 1957. p. 128.

proibição de importação de novos equipamentos a partir de março de 1931,¹⁴ impossibilitando, assim, a concorrência de novas fábricas com instalações mais modernas.

O primeiro fato se deu em razão da escassez de divisas no período de depressão, mais pela necessidade de atendimento aos compromissos assumidos com a dívida externa do País do que por dificuldades na balança comercial, que em 1931-32 registrou grandes saldos; além disso, introduziu-se a partir de 1931 o controle cambial estabelecendo prioridades para compra de divisas, complicando consideravelmente as operações para compra no exterior, dos bens produzidos internamente.

Quanto ao segundo, resultou da pressão, exercida nos anos de crise, pelos empresários dos principais grupos industriais (têxtil, principalmente), alegando uma *superprodução*. A proibição da importação de máquinas e equipamentos por sete anos, quando mais se precisava delas, resultou na necessidade de utilização mais intensiva de um equipamento já velho e de baixo rendimento, para que a produção pudesse acompanhar as necessidades da demanda. Por isso se constata, nos anos trinta, após a depressão, o paradoxo da indústria têxtil, em *superprodução*, trabalhando dois a até três turnos diários.¹⁵

Apesar dessa recuperação a partir de 1931, a indústria paulista ainda se apresentava, em 1932, com sua produção em níveis inferiores àqueles verificados em 1928. A indústria têxtil, particularmente, teve sua produção aumentada 25% em 1931 e 7,8% em 1932, sem contudo ter alcançado os níveis anteriores à depressão, chegando mesmo, a haver, assim como para a indústria como um todo, declínio em termos absolutos, da produção no período considerado como um todo.

Dessa maneira, a indústria têxtil paulista apresentava-se (quadro 5) em 1932, com um menor número de operários do que aquele verificado em 1928 (menos 14%), sendo que os ramos que mais diminuíram o número de operários foram os de tecidos de algodão e tecidos de malha. É interessante notar ainda, a característica *labor intensive* da indústria têxtil de São Paulo, na época: menos de um HP por operário em 1928.

¹⁴ Decreto n.º 19.739, de 07-03-1931, posteriormente prorrogado até 1937 proibia a importação de equipamentos para as indústrias consideradas em superprodução (ver notas 9 e 11).

¹⁵ STEIN. *Op. cit.*, p. 142.

QUADRO 5

Estado de São Paulo
Indústria Têxtil — 1928-1932

		N.º de fábricas	Operários	Teares	Fusos	Fôrça motriz instalada (HP)
Tecidos de algodão	1928	82	43.059	22.823	730.844	47.242
	1932	112	37.386	24.861	803.509	51.194
Tecidos de juta	1928	5	6.360	2.708	35.200	7.085
	1932	11	5.223	2.988	39.296	8.382
Tecidos de sêda	1928	42	5.592	1.822	9.394	2.818
	1932	70	4.831	2.995	...	2.536
Tecidos de lã	1928	21	2.302	843	28.934	2.611
	1932	20	3.247	887	28.410	3.423
Tecidos de malha	1928	114	7.167	244	31.386	2.864
	1932	133	4.762	1.516
Totais	1928	264	64.510	28.440	835.758	62.620
	1932	346	55.449	67.051

Fonte: DEIC, SAIC/SP. *Estatística Industrial de São Paulo. — 1928-32.*

De 1933 em diante, a industrialização tomaria um nôvo impulso no estado, notadamente nos setores não tradicionais, com o estabelecimento de novas indústrias destinadas à produção de matérias-primas básicas (cimento e aço, principalmente), e indústria de máquinas e equipamentos, como se verá a seguir.

4. O Surto Industrial de 1933-39

A manutenção de certos privilégios, econômicamente pouco justificáveis, como foi a proibição de importação de máquinas e equipamentos destinados ao estabelecimento de novas empresas em certos setores da indústria, aliada a fenômenos outros como: a reforma das tarifas de alfândega de 1934, ampliando consideravelmente o alcance da tarifa; sucessivas modificações na política cambial, culminando com o monopólio cambial através do Banco do Brasil, decretado em dezembro de 1937,¹⁶ que dificultavam as importações não prioritárias e, finalmente, a contínua deterioração na

¹⁶ *Relatório do Banco do Brasil, 1938. p. 15.*

relação de trocas em nosso comércio com o exterior, se não chegaram a impedir o surto industrial no País, e conseqüentemente no estado de São Paulo, pelo menos deram ensejo a um tipo de desenvolvimento setorialmente desequilibrado. Enquanto alguns setores puderam desenvolver-se modernizando e aumentando sua capacidade produtiva, como foi o caso das indústrias do cimento (que gozavam de proteção contra a concorrência estrangeira), produtos metalúrgicos, indústrias de máquinas e equipamentos,¹⁷ e energia elétrica, outros setores da indústria, principalmente, uma vez mais, a têxtil, aumentavam a sua produção através da utilização intensiva do equipamento existente, sem preocupação quanto à necessidade de renovação e modernização, que a intensa utilização tornava ainda mais premente.¹⁸

Assim se deu, em São Paulo, a industrialização entre 1933 e 1939, chegando neste último ano com uma estrutura setorial de produção bastante mais diversificada que aquela verificada no Censo de 1920. Enquanto em 1919 as indústrias tradicionais, dentre elas, têxtil, vestuário e calçados, produtos alimentares, bebidas, fumo e mobiliário, eram responsáveis por cerca de 70% do valor adicionado pela indústria como um todo, em 1939 sua participação tinha caído para 56,7%. Embora ainda representassem a parte mais significativa da indústria do estado, é evidente mudança estrutural ocorrida com as indústrias chamadas dinâmicas (metalúrgica, mecânica, material elétrico e material de transporte e química), praticamente dobrando sua participação na produção total.

Os índices setoriais de crescimento real da produção, conquanto incompletos, servem para corroborar essas afirmações. Verifica-se que, efetivamente, as indústrias tradicionais foram as que menos se desenvolveram no período, sendo a indústria de produtos alimentares a que menor taxa anual de crescimento da produção registrou (2,9%), em seguida da têxtil (6,5%), e vestuário e calçados (8,0%). Num grupo intermediário, outras indústrias tradicionais, de menor produção no total da indústria, registraram crescimento da produção a taxas mais elevadas como: bebidas (17,9%), fumo (18,2%), mobiliário (13,1%), madeira (10,5), papel (7,3%), couros

¹⁷ São Paulo já produzia, em 1935, conjuntos completos e máquinas para operações parciais do benefício de café, arroz, algodão; máquinas agrícolas como: arados, cultivadores, semeadeiras; máquinas para extinção de insetos; prensas de alta densidade para enfardamento de algodão; prensas para fábrica de papel; máquinas para indústria têxtil; máquinas e caldeiras para produção de força motriz; máquinas para indústrias metalúrgicas; máquinas para indústria açucareira e para diversas outras indústrias. DEIC - SAIC/SP. *Estatística industrial do estado de São Paulo*. 1935.

¹⁸ Esse aspecto será mais demoradamente abordado quando se focalizar o desempenho da indústria têxtil no período.

e peles (18,4%). Enquanto isso, as indústrias básicas cresceram a taxas muito elevadas, o que explica o aumento de sua participação no total do valor adicionado pela indústria de transformação do estado. Nos sete anos considerados, a produção da indústria metalúrgica cresceu à taxa de 24% ao ano, a química e farmacêutica a 29,9% e a indústria de material de transporte (montagem de veículos, principalmente), a 39% ao ano, tendo a produção da indústria de minerais não-metálicos (cimento principalmente) crescido a 16,6% ao ano.

QUADRO 6

Estado de São Paulo
 Indústria de Transformação — Estrutura Setorial da Produção — 1919 e 1939
 Em percentagens sobre o total do valor adicionado pela indústria

	1919	1939
Indústria de transformação	100,0	100,0
Minerais não metálicos	8,7	5,6
Metalúrgica		6,4
Mecânica	6,3	
Material elétrico		10,7
Material de transporte	2,7	
Madeira	2,3	3,9
Mobiliário	1,6	
Papel e papelão	incluídos na química	1,4
Borracha		0,6
Couros e peles	1,8	1,3
Química, farm. e perfumaria	7,6	10,4
Têxtil	32,8	28,0
Vestuário e calçados	10,1	5,3
Produtos alimentares	25,4	15,7
Bebidas e fumo		6,1
Editorial e gráfica	0,6	3,3
Diversas	0,1	1,3

Fonte: IBGE. *Censos Industriais de 1920 e 1940* (dados primários).

Fica suficientemente claro, portanto, que foi essa diversificação da estrutura de produção da indústria paulista a responsável pela elevada taxa de crescimento anual da indústria de transformação como um todo (14%), além de deixar evidente sua importância como atrativo a novos empreendimentos industriais, pelas economias externas que oferecia.

É interessante, agora, ressaltar alguns aspectos da indústria paulista em 1933-39. Inicialmente, os dados do quadro 8 embora não sejam estri-

QUADRO 7

Estado de São Paulo
 Indústria de Transformação — Índices do Volume Físico da
 Produção Segundo Gêneros de Indústrias — 1933-39
 Base: 1935 = 100

	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Indústria de transformação	75,0	87,9	100,0	111,5	123,6	135,2	164,5
Minerais não metálicos	68,7	87,4	100,0	115,0	122,5	157,6	170,5
Metalúrgica	59,8	96,9	100,0	131,8	131,0	183,1	217,6
Mecânica
Material elétrico	57,2	69,8	100,0	118,1	113,5
Material de transporte	40,4	64,4	100,0	94,2	150,6
Madeira	81,6	113,3	100,0	166,2	121,9
Mobiliário	84,4	80,0	100,0	124,8	137,9
Papel e papelão	60,7	69,0	100,0	87,6	80,3
Borracha
Couros e peles	64,0	94,8	100,0	132,8	125,7
Química e farmacêutica	68,7	79,7	100,0	110,3	139,5	186,5	330,
Têxtil	84,2	96,2	100,0	109,1	124,9	115,2	122,
Vestuário e calçados	78,3	69,4	100,0	99,8	106,4 2
Produtos alimentares	88,4	96,7	100,0	107,7	109,2	104,1	104,9
Bebidas	52,3	61,3	100,0	100,3	105,5
Fumo	75,9	84,8	100,0	120,6	170,2	174,9	... 9

Fonte: Ver quadro 3.

tamente comparáveis,¹⁹ servem como um indicador grosseiro do vulto tomado pela industrialização entre aqueles anos, no estado bandeirante. Praticamente, dobraram o número de estabelecimentos e o capital aplicado, aumentando quase 50% o número de operários ocupados, ao passo que também duplicava a força motriz instalada. Esses dados revelam, portanto, uma característica da expansão industrial do estado nos anos trinta: a industrialização se fez à base de uma função de produção que combinava incrementalmente os fatores capital e trabalho na proporção de 2 para 1, aumentando-se, assim, a potência instalada por operário, de 1,2 em 1933 para 1,7 em 1939.

¹⁹ Deve-se notar que a não-inclusão, nos anos de 1933 e 1937, dos estabelecimentos denominados *rurais* pelas estatísticas paulistas é compensada, em parte, pela inclusão das empresas de distribuição de luz, calor e frio, que não fazem parte da indústria de transformação e, portanto, não estão compreendidas nos dados relativos ao ano de 1939 (Censo de 1940).

Esse fato coincidiu com a fase de maior expansão da indústria de energia elétrica do estado. Entre 1935 e 1939, a capacidade instalada da indústria de energia elétrica aumentou 64,4%, o que dá uma taxa anual de crescimento de 13,3%. E esse desenvolvimento baseou-se na exploração das fontes de energia de origem hidráulica, a qual representava, em 1939, 97% do potencial energético do estado, e da qual se concentrava em São Paulo nada menos do que 57% de toda a potência instalada no País!

QUADRO 8

Estado de São Paulo Indústria de Transformação* Aspectos Gerais da Indústria — 1933-39

	1933*	1937*	1939
1. Número de fábricas	6.555	9.051	12.850
2. Capital aplicado (contos de réis)	1.906.482	3.460.452	4.679.371
3. Operários	171.667	245.715	254.721
4. Fôrça motriz instalada (HP)	212.108	279.573	432.650
5. Valor da produção (contos de réis)	2.060.363	3.851.878	7.107.547

Fonte: 1933/37: DEIC, SAI/SP. *Estatística industrial do estado de São Paulo, 1933 e 1937; 1939*; IBGE. *Censo industrial do Brasil, 1940*, p. 232-3.

* Excluídas as frigoríficas, indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas (café, algodão, farinhas, féculas) e usinas de açúcar, e inclusive as empresas de distribuição de luz calor, e frio.

É evidente que foi esse um dos fatores preponderantes para o desenvolvimento industrial paulista, devendo-se ainda salientar que já em 1930, 400 localidades do interior do estado eram servidas por energia elétrica, pelas 83 empresas que empregavam 1.910 operários e possuíam 385.885 HP de potência instalada. Em 1935 esses números passaram a ser, respectivamente, 434 localidades, 87 empresas, 10.493 operários e 470.542 HP.²⁰

Entre os setores da indústria de transformação, os que mais mecanizaram o seu processo produtivo (quadro 9) foram os das indústrias da borracha, de papel e papelão, química e farmacêutica, mecânica, material elétrico e de transportes, bebidas e fumo, e em menor escala, a têxtil. No caso da indústria de produtos alimentares a comparação não é válida em virtude de não se incluírem, na estatística de 1932, os frigoríficos e indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas.

²⁰ DEIC — SAIC/SP. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1930 e 1935*.

QUADRO 9

Estado de São Paulo
Indústria de Transformação *

Fôrça Motriz Instalada por Operário Segundo Gêneros de Indústrias — 1932 e 1939

	1932*	1939
Minerais não metálicos	1,648	1,272
Metalúrgica	1,407	1,362
Mecânica, material elétrico e material de transporte	1,463	1,800
Madeira e mobiliário	2,083	1,709
Papel e papelão	2,935	3,921
Borracha	1,493	4,159
Couros e peles	1,876	1,445
Química e farmacêutica	1,807	2,253
Têxtil	1,241	1,518
Vestuário	0,331	0,454
Produtos alimentares	1,046	2,859
Bebidas e fumo	0,963	1,877
Editorial e gráfica	0,700	0,777
Diversas	1,074	0,616

Fonte: 1932: DEIC, SAIC/SP. *Estatística industrial do estado de São Paulo, 1932*;

1938: IBGE. *Censo industrial do Brasil*. p. 232-33.

* Excluídas as frigoríficas e indústrias rurais.

Nota-se ainda que os setores tradicionais da indústria eram os que apresentavam menores coeficientes de fôrça motriz por operário, mormente nas indústrias têxtil e de vestuário e calçados, que juntas, ocupavam, em 1939, quase metade da fôrça de trabalho.

Para o surto energético dos anos trinta concorreu em larga escala o capital estrangeiro, que em 1939-45 possuía, através das duas maiores concessionárias, a Light e as Empresas Elétricas Brasileiras, cêrca de 88% do total da capacidade instalada no estado.²¹

Em outros setores da indústria foi relevante a participação do capital estrangeiro em: frigoríficos, indústria do cimento, metalúrgica, indústrias mecânicas, de materiais elétricos e de transporte.²² A contribuição importante à formação da classe empresarial paulista, no entanto, foi dada pelo imigrante, particularmente pelo europeu, entre os quais os de nacionalidade italiana.

Estudos levados a efeito pela Diretoria de Estatística, Indústria e Comércio, de São Paulo revelam (quadro 10) que, entre novembro de 1940

²¹ SODRÉ, Néelson W. História da indústria em São Paulo. cap. 5, em *Observador Econômico e Financeiro*, p. 85, jan. 1948.

²² General Motors overseas operations. *Economic survey of Brazil*, São Paulo, 1943, v. 21.

e março de 1941, cêrca de 33% dos sócios das empresas industriais, responsáveis por 42,3% do capital realizado, eram de origem estrangeira, preponderando os italianos e portugueses, que juntos representavam 18,1% do número de sócios e 14,3 do capital realizado.

QUADRO 10

Estado de São Paulo
Setor Industrial
Distribuição do Capital Realizado e do Número de Sócios, Segundo a Nacionalidade
Novembro — 1940 Março — 1941

Nacionalidade	N.º de sócios	%	Capital realizado Cr\$ 1.000	%
Brasileira	8.426	67,4	503.699	57,7
Italiana	1.654	13,2	102.562	11,8
Portuguêsa	611	4,9	22.059	2,5
Alenã	311	2,5	13.684	1,6
Espanhola	301	2,4	9.837	1,1
Síria	216	1,7	12.431	1,4
Libanesa	202	1,6	21.290	2,4
Japonêsa	150	1,2	6.965	0,8
Polonesa	70	0,6	1.561	0,2
Argentina	49	0,4	3.421	0,4
Outras	517	4,1	175.353	20,1
Total	12.507	100	872.862	100

Fonte: DEIC, SAIC/SP. *Estatística industrial do estado de São Paulo, 1938 e 1939*, p. 362-363.

Adicionalmente, a Estatística Industrial do Estado de São Paulo revela que em 1933, 44,8% do número de fábricas (exclusive as indústrias rurais) pertenciam a estrangeiros, as quais possuíam 27,4% do capital aplicado, empregavam 25,3% do número de operários, detinham 17,9% da fôrça motriz instalada e respondiam por 28,4% do valor da produção, quadro êsse que pouco se alterou nos anos seguintes, registrando-se mesmo um aumento dêsses percentuais relativos, indicando uma crescente participação do elemento estrangeiro, com seu capital e conhecimentos técnicos, no processo de industrialização do estado.

Como último aspecto notável, o consumo de matérias-primas pela indústria paulista permite concluir que a indústria local utilizava matérias-primas preponderantemente nacionais. Na indústria têxtil, a tecelagem de algodão utilizava, em 1937,²³ sòmente algodão produzido no País, sendo que 80% da quantidade utilizada provinha da produção agrícola

²³ DEIC - SAIC/SP. *Estatística industrial do estado de São Paulo*. 1937. p. 34-40.

do próprio estado.²⁴ Já na fiação de algodão, o produto estrangeiro participou, naquele mesmo ano, com 8,4% da quantidade total utilizada. Na fiação e tecelagem de juta, embora não haja indicação da procedência da matéria-prima, sabe-se que o Brasil ainda importava grande parte da juta em bruto e em fio utilizada. A fiação e tecelagem de lã, por sua vez, utilizava em pequena proporção a matéria-prima importada (2,5% de lã em bruto e 28,9% dos fios de lã). Por outro lado, a tecelagem de sêda natural e artificial dependia em boa parte do artigo estrangeiro, principalmente os fios de sêda natural (80%) e em menor escala quanto aos fios artificiais (13,8%).

Outras indústrias utilizavam matérias-primas exclusivamente de procedência nacional, como é o caso das indústrias de produtos de madeira, de couros e peles e outras muito pouco dependentes de matérias-primas estrangeiras, como a transformação de minerais não-metálicos (nas obras de marmoraria o mármore importado entrava com 62%), indústrias de óleos vegetais, produtos alimentares (onde apenas o trigo entrava como importante matéria-prima estrangeira). Nas indústrias metalúrgicas, o ferro gusa utilizado era 98,8% nacional, conquanto em relação a outros metais a dependência relativamente à importação devesse ser maior, embora os dados não permitam aquilatar.

Em outras indústrias, ainda, a matéria-prima importada entrava em pequena escala, como a indústria do fumo (1% do fumo em fôlhas); bebidas, vestuário (pouco mais de 5% de tecidos importados) e indústria de borracha.

Nas indústrias de papel e papelão e editoriais, por último, ainda eram significativas as importações de celulose e papel de imprensa.

De um modo geral, porém, os principais gêneros industriais utilizavam matéria-prima nacional, e em sua maior parte, de produção local, especialmente quando se tratava de produtos intermediários da própria indústria.

5. A Situação da Indústria em 1939

O Censo Industrial de 1940 veio confirmar o estado de São Paulo, no ano de 1939, como o principal centro industrial do País, concentrando 28,8%

²⁴ Ressalte-se, aliás, que o surto algodoeiro, verificado em São Paulo nos anos trinta, contribuiu, de maneira indireta, para a industrialização, na medida em que substituiu o café como principal fonte de renda das atividades agrícolas, mantendo, ou pelo menos evitando, uma maior queda na renda interna da agricultura, que era ainda a base da economia estadual.

dos estabelecimentos industriais, 34,9% do número de operários, 37,4% da força motriz instalada e produzindo 39,3% do valor adicionado pela indústria do País.

Muito embora, como já se enfatizou, tenham as indústrias não tradicionais se desenvolvido a taxas elevadas no período 1933-39, constituindo-se no elemento motor da industrialização e facilitando o desenvolvimento futuro, as indústrias tradicionais, dentre as quais se sobressaía a têxtil, ainda preponderavam na geração do valor adicionado pela indústria paulista em 1939.

A indústria têxtil, após sete anos de severa restrição às importações de máquinas e equipamentos (1931 a 1937), à custa de uma suposta crise de superprodução (na realidade a produção em 1937 era pouco superior ao pico registrado em 1926, no estado), chegava em 1939 com um equipamento velho e desgastado pela utilização intensiva. Os dados do quadro 11 mostram que a distribuição etária das máquinas existentes na indústria

QUADRO 11

Estado de São Paulo
Indústria Têxtil

Distribuição do número de máquinas existentes em 31-12-39
Segundo a idade, por subgrupos da indústria

Subgrupos da indústria	Números de máquinas segundo a idade				
	Menos de 5 anos	5 a 10 anos	Mais de 10 anos	Idade desconhecida	Total
Fiação de algodão	199	1.037	873	573	2.682
Tecelagem de algodão	2.348	1.447	59.039	66.969	129.803
Fiação de seda natural	50	—	—	67	117
Fiação de seda artificial	15	12	3	—	30
Tecelagem de seda natural e artificial	3.797	2.262	1.346	1.600	9.005
Fiação de lã	151	76	331	5	563
Tecelagem de lã	580	326	814	5.277	6.997
Fiação de juta	—	—	—	80	80
Tecelagem de juta	267	40	1.809	1.153	3.269
Totais	7.407	5.200	64.215	75.724	152.546
(%)	4,9	3,4	42,1	49,6	100,0

Fonte: DEIC, SAI/SP. *Estatística industrial do Estado de São Paulo, 1938-1939*, págs. 235-241.

têxtil, em 1939, era a mais absurda possível. Do total das máquinas, a metade tinha idade desconhecida (isto é, muito mais de 10 anos) e 42,1% tinham mais de 10 anos, o que dá um total de 91,7% de máquinas inteiramente depreciadas, segundo os padrões contábeis normais!

A situação, nesse aspecto, era mais crítica nas indústrias de tecelagem de algodão (97,1% das máquinas com mais de 10 anos ou idade desconhecida), na tecelagem de lã (87%) e tecelagem de juta (90,6%).

Felizmente o quadro não era o mesmo para os demais setores da indústria; mesmo assim, naquele ano, para o total da indústria, 74,6% das máquinas existentes tinham mais de 10 anos ou idade desconhecida, 14,1% entre 5 e 10 anos e 11,3% com menos de 5 anos.

Por isso clamava-se, na época como necessidade primordial da indústria paulista, pela renovação do parque fabril²⁵ para que a industrialização não tivesse solução de continuidade. No entanto, a eclosão da II Guerra Mundial e suas conseqüências sobre a economia brasileira fariam esquecer, por algum tempo, os problemas de baixo rendimento e conseqüentemente, alto custo de produção das indústrias paulistas, principalmente a têxtil, que passaria à sua fase áurea, conquistando mercados externos perdidos pelos países em guerra.

6. A Indústria Paulista no Período de Guerra, 1939-45

Logo após o início da II Guerra Mundial, o Brasil passou a ser procurado como fonte de matérias-primas estratégicas, e o que foi mais importante, como fornecedor de produtos manufaturados, em particular os têxteis e vestuários, o que evidentemente representou um novo impulso à industrialização de São Paulo, se bem que a produção tenha crescido a um ritmo bem inferior àquele verificado em 1933-39, devido, logicamente, às restrições impostas pelas condições de guerra, às importações de máquinas e equipamentos, matérias-primas essenciais e combustíveis e lubrificantes.

Os dados do quadro 12 permitem avaliar o desempenho da indústria paulista nos anos de guerra.²⁶ Nota-se desde logo dois períodos distintos

²⁵ DEIC - SAIC/SP *Estatística industrial do estado de São Paulo*. 1938-39, Introdução, p. V a XXVII; Análise comparativa entre a indústria norte-americana de 1937 e a indústria paulista de 1942. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística, São Paulo*, (3): 97-186, 3.º trim. 1946;

Alguns aspectos da indústria paulista em 1941. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística, São Paulo*, 145-246, 1.º trim. 1945.

²⁶ Embora se apresentem apenas cinco gêneros de indústrias, eram esses representativos de 66% da indústria do estado em 1939. Faz-se restrição somente ao índice da indústria química, representada apenas pela produção de óleos vegetais e alguns pequenos produtos químicos, pouco significantes face à complexa gama de produtos dessa indústria.

nos anos considerados: um, que vai de 1939 a 1943, em que a produção industrial se expandiu à taxa anual de 7,8%, e outro, de 1943 a 1945, quando se registrou um pequeno declínio no produto físico industrial.

QUADRO 12

Estado de São Paulo
 Indústria de Transformação
 Índices do Volume Físico da Produção
 Segundo os Principais Gêneros de Indústrias — 1939-45
 Base: 1935 = 100

Gêneros de indústria	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Indústria de transformação	164,5	182,1	222,6	210,1	221,7	220,8	203,5
Minerais não metálicos	170,5	179,8	179,2	164,5	161,4	188,3	179,0
Metalúrgica	217,6	214,4	230,4	239,3	247,7	261,1	316,8
Química	330,2	408,0	523,1	355,3	394,1	513,3	422,7
Têxtil	122,9	137,0	181,4	206,4	221,9	163,4	149,7
Produtos alimentares	104,9	100,2	108,8	124,6	117,6	124,3	116,8

Fonte: Ver quadro 3.

Esses dois períodos distintos coincidem com aqueles observados pela indústria têxtil, cuja produção expandiu-se à taxa anual de 15,9% entre 1939 e 1943, num período em que os tecidos nacionais eram facilmente colocados nos mercados externos, apesar de seus preços não competitivos. Porém, os abusos cometidos por algumas firmas, que ludibriavam os compradores estrangeiros enviando mercadorias de qualidade inferior àquelas apresentadas como amostras além dos altos preços cobrados, acabaram por desalojar o produto nacional dos mercados conquistados assim que as dificuldades de guerra foram se amainando e os compradores puderam voltar aos mercados tradicionais. Como resultado, a produção da indústria têxtil brasileira, em particular a de São Paulo, passou a declinar de 1943 em diante, fazendo com que a produção da indústria como um todo também fosse afetada.

Por outro lado, a produção da indústria metalúrgica de São Paulo cresceu continuamente no período, logicamente preenchendo claros deixados pelas restrições às importações. Seu crescimento anual foi superior àquele verificado para o total da indústria, ou seja, 8,1%. Enquanto isso, a produção da indústria de minerais não-metálicos, onde se sobressai o cimento, permaneceu praticamente estagnada, e a produção da indústria de

produtos alimentares apenas acompanhou aproximadamente o crescimento vegetativo da população, crescendo a 2,2% ao ano.

Quanto à indústria química, sua produção oscilou bastante no período. No entanto, em relação aos níveis de 1939, expandiu-se consideravelmente.

Sem dúvida nenhuma, o principal fator que impediu que a indústria paulista mantivesse no período de guerra as altas taxas de crescimento registradas entre 1933 e 1939, foi aquele representado pela escassez de matérias-primas essenciais e combustíveis, cuja importação era dificultada pela guerra. As indústrias metalúrgicas e de material elétrico ressentiram-se da falta de cobre; as indústrias cerâmicas paravam por falta de combustível, cujo racionamento também causava crise no setor de transportes, afetando o resto da economia.²⁷

Com o fim da guerra, porém, a indústria teria condições de se reaparelhar e reassumir seu caminho rumo à industrialização. As comportas do comércio com o exterior foram abertas, e a indústria, conquanto prejudicada pela importação indiscriminada a preços baixos de produtos já produzidos internamente, beneficiou-se de uma taxa cambial que lhe permitia importar equipamentos com cruzeiros supervalorizados. Até 1952 entraria no País, e conseqüentemente no estado, a grande parte do equipamento que possibilitou a expansão industrial dos anos cinquenta. Seu objetivo, porém, seria agora o mercado interno, já que não soube aproveitar-se da efêmera conquista de mercados externos no período de guerra.

7. Considerações Finais

Em resumo, a industrialização de São Paulo iniciou-se verdadeiramente nos anos trinta. Até a depressão econômica de 1929 a 33 a indústria baseava-se quase que totalmente na produção de bens de consumo, especialmente têxteis e alimentares, aumentando a produção na medida das necessidades crescentes de uma população em rápida expansão, devido principalmente às correntes migratórias internas e externas.

Após o período de depressão, porém, a indústria paulista experimentaria um crescimento a taxas elevadas, mais que duplicando o número de fábricas em poucos anos, e aumentando-se em mais de 50% o número de operários ocupados.

Os fatores que condicionaram êsse surto industrial, foram: existência de uma classe empresarial resultante de uma mescla de raças não encon-

²⁷ Ver a respeito; DANTAS, Humberto. As indústrias paulistas. *OEF*, 33 e seg. jan. 1944.

trada em outras parte do País; mão-de-obra especializada, fornecida pela imigração européia; disponibilidade de capitais; rápido aumento na capacidade instalada de energia elétrica; rede de transportes razoavelmente desenvolvida pela economia cafeeira; e finalmente, um mercado de proporções relativamente grandes, em comparação à outras regiões do País.

Com isso, passou o estado paulista a representar a maior concentração industrial do País, e talvez da América Latina. Seu ritmo de expansão, no entanto, seria diminuído pelas condições adversas da II Guerra Mundial, conquanto êsse período marcasse a fase áurea da indústria têxtil, que então ocupou posição de destaque na pauta de exportação, com os tecidos nacionais conquistando mercados antes supridos pelos países em guerra.

Somente após a guerra, e voltando-se novamente para o mercado interno, a indústria retomaria um mais firme ritmo de expansão.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos:

ARAÚJO, Oscar Egídio de. Padrão de vida de operários em São Paulo. *Observador Econômico e Financeiro (OEF)*, 39-54, out. 1941.

BASTOS, Humberto. São Paulo e a guerra. *OEF*, 59, nov. 1942.

BERENHAUSER, Carlos Jr. Eletricidade em São Paulo. *OEF*, 29-33, jan. 1948.

DANTAS, Humberto. Indústrias paulistas. *OEF*, 33-42, jan. 1944.

SODRÉ, Nélon Werneck. História da indústria em São Paulo — I. *OEF*, 34-50, out. 1947.

SODRÉ, Nélon Werneck, História da indústria em São Paulo — II. *OEF*, 70-81, nov. 1947.

SODRÉ, Nélon Werneck, História da indústria em São Paulo — III. *OEF*, 52-64, dez. 1947.

SODRÉ, Nélon Werneck, História da indústria em São Paulo — IV. *OEF*, 81-94, jan. 1948.

STEIN, Stanley J. *The Brazilian cotton manufatura textile enterprise in an underdeveloped area, 1850-1950*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1957.

WENTZOOVITCH, Estanislau. Estatísticas industriais paulistas. *OEF*, 101-108, maio 1940.

WYTHE, George. *Brazil. Industry in Latin America*. New York, Columbia University Press, 1946. p. 135 a 190.

Alguns aspectos da indústria paulista em 1941. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística*, São Paulo: 145-246, 1.º trim. 1945.

Análise comparativa entre a indústria norte-americana de 1937 e a indústria paulista de 1942. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística*, São Paulo, (3): 97-152, 3.º trim. 1946.

As indústrias paulistas. *OEF*, 19-37, out. 1942.

Capital invertido na indústria paulista e na indústria norte-americana. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística*, São Paulo, (2): 23-30, 2.º trim. 1947.

Ensino técnico em São Paulo. *OEF*, 94-5, jan. 1944.

Observações econômicas de São Paulo. *OEF*, vários números.

Padrão de vida do operário paulista. *Boletim do Departamento Estadual de Estatística*, São Paulo, (3): 155-186, 3.º trim. 1946.

Relatório de Cia.: GENERAL MOTORS OVERSEAS OPERATIONS. *Economic survey of Brazil*. São Paulo, 1943. 2 v.

Fontes de Dados Estatísticos:

Boletim do Departamento Estadual de Estatística, São Paulo, números de: setembro de 1939, agosto de 1940, setembro de 1941, e março de 1942.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Estatística industrial do estado de São Paulo*, anos de: 1928, 1929, 1930, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937 e 1938-39.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA, SÃO PAULO. *Anuário estatístico do estado de São Paulo*. 1940 e 1942.

DIRETORIA-GERAL DE ESTATÍSTICA, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Censo industrial de 1920*. Rio de Janeiro, 1927.

IBGE. *Anuário estatístico do Brasil*, anos de 1936, 1938, 1939-40 e 1941-45.

IBGE. *Censo industrial de 1940*. Rio de Janeiro, 1950.

IBGE. *Sinopse estatística do estado de São Paulo*. n.º 3, 1938 e n.º 4, 1952.

O Instituto de Organização Racional do Trabalho da Guanabara — abreviadamente IDORT-GB — como seus congêneres de outros Estados, propõe-se a realizar e proporcionar a seus associados e demais interessados:

Intercâmbio internacional	Revista
Forum de estudos	Biblioteca
Treinamento	Prêmio de organização e administração
Assistência técnica	Congressos
Sede: Praia de Botafogo 186, Rio de Janeiro, GB.	

**LANÇAMENTOS RECENTES DA FUNDAÇÃO GETÚLIO
VARGAS**

Direito Tributário — Manoel Lourenço dos Santos — 4.^a edição.

Chefia, Sua Técnica, seus Problemas — Wagner Estelita Campos.

Instrução Programada, Teoria e Prática — Maria Ângela Vinagre
de Almeida.

Custos — Princípios, Cálculo e Contabilização — Américo M.
Florentino.

A Estrutura das Decisões Humanas — David W. Miller & Martin
R. Starr.

Manual de Administração da Produção I e II — Claude Machline,
Kurt Weil, Ivan de Sá Motta e Wolfgang Schoeps.

Shopping Centers — EUA vs. Brasil — Alberto de Oliveira Lima
Filho.

Teoria Contábil — Américo M. Florentino.

Problemas de Pessoal da Empresa Moderna — Tomás Vilanova
Monteiro Lopes — 4.^a edição.

As Provas Objetivas — Técnicas de Construção — Ethel Bauzer
Medeiros.

Usos e Abusos das Relações Públicas — José Xavier da Silveira.

Pedidos para a Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações,
Praia de Botafogo 188, C.P. 21.120, ZC-05, Rio, GB.